

# 14 Técnica facilita aprendizado

Em 1975, o professor Hermínio Sargentim publicou um livro didático para o segundo grau e acreditou que estava resolvendo as dificuldades de redação de seus alunos. Enganou-se. Em 1979, lançou uma nova coleção — desta vez para o primeiro grau, no qual imaginava localizar-se a causa do problema. Errou mais uma vez. Depois de várias pesquisas e de uma experiência como alfabetizador, Sargentim descobriu que o ensino de redação deve começar na pré-escola. Sua filha de seis anos, Marina, aprendeu a trabalhar as 23 letras do idioma e, apesar de ainda não freqüentar a escola, lê e escreve com fluência.

“A má alfabetização pode gerar dois graves vícios, que comprometerão o aluno para sempre”, diz ele. “Mecanicista, a alfabetização tradicional pode provocar na criança aversão à gramática e incapacidade do uso da língua como instrumento de criação.” Seu método, que prevê mais de 350 exercícios em 12 anos de escola, propõe o ensino de redação como etapa preliminar das li-

ções do alfabeto. Na pré-escola, recomenda, os professores devem solicitar relatos das crianças e redigi-los. “Quando a criança vê escrito aquilo que diz, fica mais fácil e mais estimulante aprender a escrever.”

Sargentim estudou o processo de criação literária para fórmular suas propostas. O resultado desse trabalho é um conjunto de cinco regras básicas para professores e alunos seguirem durante as aulas. O primeiro passo é dominar a técnica da teatralização. Tradicionalmente, o ensino de redação consiste em cobrar dos alunos um texto sobre qualquer tema, geralmente autobiográfico. “Os professores pedem aos alunos para falar sobre suas férias, sua família ou sua escola”, analisa. Com a teatralização, o estudante faz reflexões sobre experiências de outras pessoas e amplia seu repertório emocional.”

O segundo passo é compreender a diferença entre a análise e a síntese. “Os alunos dizem ‘o velho subiu’, mas não descrevem o velho subindo a escada. É preciso entender

que o redator faz a análise, a síntese é do leitor.” Em seguida, é necessário aprender o que ele chama de “aspectos simultâneos da mensagem.” Os textos dos jovens são essencialmente narrativos, acredita Sargentim. “O homem matou o menino”, escrevem. “Há uma preocupação com a ação, mas ninguém quer contar como é esse homem.”

A penúltima etapa da confecção de um bom texto é a construção do personagem: “É importante definir como pensa a pessoa que está presente na história contada”. Por fim, o aluno deve treinar a reescrita de suas redações. Um bom exercício é pedir aos colegas que as leiam.

A Pueri Domus, escola paulistana com sete mil alunos, adota esse sistema de 1987. “Temos tido bons resultados”, diz Cleusa Finocciaro Monteiro, coordenadora das atividades da pré-escola e da primeira à quarta série. “Quando redigir não é um ato penoso, as crianças aprendem a gramática com mais facilidade.”



Sargentim, com a filha de seis anos: combate aos vícios da alfabetização

Cesar Diniz/AE